

O 222º RI DO EXÉRCITO JAPONÊS NA DEFESA DA ILHA BIAK

(2ª GUERRA MUNDIAL)

Ten.-Cel. UBIRATAN MIRANDA,
Ex-Instrutor da Escola de Estado-Maior.

I — CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Dentro da idéia de contribuir, na modesta medida das nossas possibilidades, para o estudo, sempre interessante, da História Militar, resolvemos apresentar aos nossos leitores da "A Defesa Nacional" um caso muito singular, vivido nos dias da 2ª Guerra Mundial, e que, dadas as características especiais de um dos seus protagonistas, julgamos interessante focalizar.

Trata-se de uma operação típica de defensiva sem nenhuma idéia de recuo, executada em condições, sem dúvida, bastante particulares.

Ele permite ainda, apreciar a ação de um RI isolado bastante reforçado, é fato, que teve a seu cargo a execução de uma árdua missão.

Talvez seja a primeira vez que se apresenta ao estudo e meditação de quantos se interessam pela evolução da Arte da Guerra, uma unidade japonesa, e isto oferece o ensejo de se poder apreciar, particularmente, um tipo de combatente até agora pouco conhecido por nós.

Embora se possua amplo conhecimento sobre as qualidades especiais do soldado nipônico, sua singular formação moral, suas excepcionais virtudes de lutador obstinado e fanático, não será demais travar com este tipo de combatente um mais estreito contacto, que talvez possibilite formar u'a melhor

idéia sobre os seus processos de combate e apreciar a atuação de seus chefes.

Para bem poder apreciar o caráter da luta que travou o 222º RI reforçado, na defesa da ilha de Biak será necessário estar preparado para admitir, previamente, certos aspectos especiais, exóticos mesmos, intrínsecos da formação moral do soldado japonês.

Em particular acentuaremos os seguintes :

a) O soldado japonês é um duro combatente.

Bem instruído, obstinado, sóbrio e tenaz ele vende caro a derrota, preferindo, na maioria dos casos, a morte à rendição. São bastante conhecidos os inúmeros exemplos nesse sentido, havendo mesmo muitos casos de suicídio coletivo em face da verificação da perda total de qualquer possibilidade de vitória.

b) Seus oficiais, particularmente os chefes mais graduados, além das qualidades, inerentes ao combatente japonês, de um modo geral, apresentam uma formação moral estranha e pouco comprensível para os ocidentais. Possuidores de um fervor patriótico exaltado às raias do fanatismo, são ainda rigorosamente obedientes a um código de honra — o Bushido — cuja origem remonta à época dos "samurais", e que seguem com acentuada

devoção através uma tradição muitas vezes secular.

c) A filosofia própria dos orientais como o seu desapêgo à vida, em consequência de um acentuado fatalismo, em parte de fundo religioso, torna o japonês um soldado de grande bravura.

A morte não representa para ele senão o retorno ao seio de seus antepassados e nessas condições é encarada com grande naturalidade, não isenta de certo desprezo.

d) Finalmente, a par de tais qualidades que o tornam um combatente com requisitos excepcionais, segundo a nossa opinião, o soldado japonês apresenta uma falha notável: não é dotado de flexibilidade e não parece possuir um acentuado espírito de iniciativa. Entregue a si mesmo, perde muito do seu valor e, com freqüência, quando desenquadrado, não sabe como agir para fazer face a circunstâncias imprevistas. Nessas situações, o comum é se aferrar desesperadamente a planos, ordens ou idéias pré-estabelecidas e por elas, sem introduzir variantes, lutar até à morte.

Admitidos êsses aspectos particulares do combatente cuja ação vamos agora apreciar, passaremos a estudar o nosso caso vivido na forma habitual.

II — QUADRO DA SITUAÇÃO GERAL

Em maio de 1944 a sorte das armas já se pronunciava adversa para o Japão.

Embora não pudesse ser lançado contra ele todo o poderio aliado, então empenhado na Europa contra a Alemanha, as fôrças americanas, com as disponibilidades destinadas às operações no Pacífico, e cujo poder aumentava progressivamente, passavam a atacar e a solapar o império até então conquistado pelos japoneses.

As operações no Pacífico assumem um aspecto particular. Nesse

teatro, constituído por inumeráveis ilhas, tem evidentemente grande importância a conquista daquelas que, por sua situação privilegiada, constituem bases para o prosseguimento das operações segundo um rumo desejado. No caso, o rumo do arquipélago nipônico.

Como é do conhecimento geral, logo que o Japão desencadeou suas operações, foram os aliados desalojados de suas posições e domínios, retirando-se para a Austrália.

Expandiu-se pois o Império Nipônico, apoderando-se de tôdas as posições importantes, e, no seu retorno ofensivo, teriam os aliados de recuperar essas posições além de outras que se tornassem necessárias para o desenrolar das operações.

A conquista das ilhas era executada mediante operações, em regra, anfíbias, e grande era o valor das bases, particularmente para o emprêgo dos meios aéreos (1).

A luta se desenrolava então saltando de ilha em ilha, como quando se atravessa um curso d'água saltando de pedra em pedra.

A ilha de Biak, é uma pequena massa de coral e calcáreo coberta por exuberante e densa selva tropical, situada na entrada da baía de Geelvink, entre a cabeça e os ombros da Nova Guiné, cujo contorno é semelhante ao de um grande lagarto (Ver fig. 1).

Ela constituía um pôsto avançado do já solapado Império Nipônico, e sua importância residia únicamente no fato de constituir mais uma etapa que era necessário transportar para o prosseguimento da luta, após as duras jornadas de Guadalcanal.

Era mesmo a etapa seguinte.

As fôrças americanas, no curso de suas operações teriam pois necessidade de atacar e ocupar esta pequena e miserável ilha e para isso teriam também, como veremos, de travar um duro combate

(1) Ilhas-aeródromos, meio de que se valiam os japoneses para utilizar sua Aviação em apoio das Fôrças Navais, de acordo com a sua dispendiosa "estratégia das ilhas-aeródromos".

O 222º RI JAPONÊS NA
DEFESA DA ILHA DE BIAK
MAIO DE 1944.



FIG - I

III — SITUAÇÃO PARTICULAR

Em princípios de março de 1944 os japoneses iniciaram na pequena porém relativamente plana bolsa arborizada da parte centro-sul da ilha de Biak, a construção de três pistas de aterrissagem.

Isto constituiu, sem dúvida, cartas vitais para o rude jôgo pela posse da Nova Guiné.

Tais pistas transformaram o monte de pedras coberto de selva que era Biak em uma pérola de alto preço na luta do Pacífico Sul.

A fim de rapidamente preparar esses campos de Aviação, cuja importância cresceria de muito após a conquista de Holanda, em abril, os japoneses colocaram em Biak um efetivo de cerca de 10.000 homens.

A base de tal efetivo era o 222º RI, com 3.000 homens. Havia ainda um Btl. de guardas navais, um destacamento de carros de combate (7 carros) e várias unidades AAAé, Engenharia e Serviços.

Cerca de 1/3 dessa força podia ser considerado como combatente, porém, em caso de emergência, poderiam os elementos de serviço, devidamente armados, ser utilizados como infantaria.

Comandava a guarnição o Cel. do Exército Japonês Naoyukie Kuzume

(ou Kuzume Nooyukie, como é da preferência dos nipônicos), que era também, o Cmt. do 222º RI.

A missão dessa tropa era a seguinte:

Defender a ilha de Biak contra uma invasão que se pronunciava inevitável após a queda de Holanda, e levar a cabo a construção das pistas de aterrissagem já iniciadas.

Tratava-se, como se vê, de u'a missão nitidamente defensiva e de uma tremenda simplicidade, pelo menos quanto ao seu enunciado.

Oportunamente, procuraremos analisá-la.

IV — EXAME DE SITUAÇÃO

Não dispomos de elementos para poder seguir, segundo a doutrina japonesa, qual o método de raciocínio por elas adotado.

Porém, poderemos tentar, segundo a nossa própria doutrina, fazer um exame da situação e procurar chegar a uma decisão.

Senão vejamos.

1 — Missão.

Não se possuem dados para determinar de quem o Cel. Kuzume recebeu sua missão.

Mas o fato é que ele a recebeu e envidou todos os seus esforços para cumpri-la.

A missão era clara e muito simples.

Importava numa ação de defender Biak contra uma invasão que, mais provavelmente, só poderia vir pelo mar.

Nenhuma outra prescrição lhe foi feita — tratava-se de "defender", pura e simplesmente.

Não tinha nenhuma imposição sobre retraimento, nem lhe foram fixados prazos.

Nenhum reforço lhe foi prometido: teria que se haver apenas com os meios de que dispunha.

Entretanto o que se sabe é que, a partir do dia 22 de abril, dia do desembarque americano em Holanda, o Cel. Kuzume dispunha de um prazo de "pouco mais de 30 dias" para preparar a sua defesa, prazo este estimável segundo certos indícios.

Não se sabe ao certo desde quando as fôrças sob seu comando estavam na ilha, mas é de presumir que lá estivessem desde que os japoneses previram que Biak seria atacada. É de notar que a construção das pistas em Biak se iniciou em princípios de março.

Pode-se pois admitir que, seguramente, Kuzume dispunha de um "prazo mínimo de 30 dias" para preparar a sua posição defensiva.

É, pois, um prazo bem suficiente para se organizar uma posição bastante forte, e o Cmt. do 222º RI dêle se aproveitou bem, organizando uma posição de tal natureza, que lhe permitiu lutar nela durante 27 dias obrigando o inimigo a dobrar, praticamente, os seus efetivos de ataque.

E não fôssem cometidas falhas notáveis, é bem possível que o desembarque redundasse em mau êxito ou, pelo menos, tivesse saído ainda muito mais caro aos atacantes.

2 — Inimigo.

Sobre o inimigo muito pouco se sabia também.

O Serviço de Informações Japonês tinha uma idéia mais ou menos certa sobre quanto uma invasão poderia ser desencadeada.

Fôrças americanas tinham desembarcado a 22 de abril em Holanda, na costa N da Nova Guiné e, desta base, poderiam partir ao ataque de Biak.

O Cel. Kuzume tinha sido alertado para esperar o assalto nos fins de maio, isso, alguns dias antes do mesmo ter sido efetuado, não sendo compreensível o fato de ter sido tomado de surpresa como aconteceu.

Quanto ao valor do inimigo nada lhe foi dito.

O que se podia esperar era um ataque anfíbio, como era o usual nas operações do Pacífico.

Kuzume, em razão do estudo do terreno, que certamente fêz, admitia que um ataque anfíbio, particularmente sobre a parte da ilha, onde se achavam as pistas, poderia, mais provavelmente, ser lançado.

Admitia ainda um ataque mediante desembarque em qualquer outro ponto da ilha.

É normal que encarasse tais possibilidades, uma vez que, tratando-se de uma ilha, o natural é prever um ataque vindo do mar, em qualquer direção.

Entretanto, um estudo acurado do terreno mostrará quais as regiões mais de temer, pois, por serem mais favoráveis ao desembarque, tornam-se da maior importância para a defesa.

Do estudo a que procedeu, levando em conta o inimigo e ainda as facilidades do terreno para um desembarque, poderemos tentar induzir o resultado a que teria chegado o Cel. Kuzume e que poderia ter sido o seguinte:

O inimigo pode :

a) Atacar a ilha de Biak mediante um assalto anfíbio, desembarcando, particularmente, na região da ponta L da ilha, ou mesmo em qualquer outro ponto, especialmente na baía de Korim.

b) Um tal ataque é provável nos últimos dias de maio, com fôrças cujo valor não é possível avaliar.

Como se vê isto traduz uma impressão sobre as possibilidades do inimigo, que, embora muito vaga, é a única a que é possível chegar se

se considerarem as informações que sobre o mesmo se possuia e que eram as mais imprecisas possíveis.

3 — Terreno.

Já foi dito antes que este caso é um caso acentuadamente singular.

Trata-se da defesa de uma ilha, o que, por si só, acarreta uma série de circunstâncias muito particulares.

O estudo do terreno assume importância extraordinária por isto mesmo.

A ilha de Biak, situada na entrada da baía de Geelvink é uma pequena massa de coral e outros calcáreos que forma um saliente triangular no mar verde.

E muito semelhante a sua ilha — irmã (Soepiori) que lhe fica a NW, e é coberta por densa selva onde, em média, caem mais de 2,54m de chuva por ano, o que produz uma exuberante e típica vegetação tropical.

Tem a forma aproximada de um triângulo retângulo cuja hipotenusa aponta para o NL; sua parte N compõe-se de ásperas montanhas que baixam para uma planície central, estendendo-se numa seqüência de terraços relativamente planos, para a costa meridional, onde, um estreito trecho de praia acompanha uma ingreme muralha de rochedos de coral, que barra o acesso da praia para os terraços atrás da muralha.

A muralha de rochedos é constituída por uma série de cristas paralelas à costa e que se erguem abruptamente a uma distância de 100 a 300m do mar.

Um capitão americano, que desembarcou com a primeira vaga e participou das operações assim descreve tal muralha :

"Muitas das cristas são tão estreitas e agudas que só após grande dificuldade podem ser atravessadas.

Atingindo a altura de 75m a 90m acima das praias, formam impresionante barreira entre a costa e o terreno relativamente plano da ilha.

Esse elevado recife de coral é provavelmente o resultado de vários

distúrbios geológicos, pois mesmo nos lugares mais aprumados, ele consta de uma série de terraços, agora cobertos por densa vegetação tropical.

Os rochedos e terraços são minados por "cavernas" e cavidades, muitas das quais podem ocultar até uma bateria de morteiros e abrigar uma centena de homens.

As entradas destas cavernas são pequenas aberturas nos terraços. As cavidades são constituídas por antigas cavernas cujos tetos alíram e seus lados são, muitas vezes, solapadas com covas e passagens que se dirigem a cavernas maiores".

A meio caminho da costa Sul, entre as aldeias de Mokmer e Sorido, a colina inflete da praia para o N, por cerca de 2km e depois volta-se para W antes de retornar à costa.

Na pequena, porém relativamente plana e arborizada bolsa, protegida entre as colinas e o mar, é que estava localizada toda a razão de ser da ilha de Biak, ou sejam as três pistas de aterrissagem.

Na costa Sul, particularmente, na parte mais ligada à ponta L (SL), evidentemente a mais interessante da ilha, justamente aquela que foi considerada mais favorável a um desembarque, existiam ainda, além das aldeias de Mokmer e Sorido, as de Bosnek, Opiaref, Saba, Ibdì, Parai, além de outras.

Entre as aldeias de Ibdì e Parai existe uma confusa seqüência de ponteaduras cristais de coral, que embora não muito escarpadas nem elevadas, apresentam um traçado atordoante de cristas transversais e baixas, o que, aliado a carência de acessos, faz com que só com grandes dificuldades possam ser transportadas, mesmo em condições normais.

Qualquer posição organizada nessa região permitiria bater bem o estreito desfiladeiro da praia e opôr-se a um avanço partindo de Bosnek.

Aliás, essa posição foi aproveitada e fortemente organizada vindo a ser conhecida como a "Bolsa de Ibdì", que tanto trabalho deu aos invasores.

A principal via de acesso por L, era a estrada costeira de Bosnek a Mokmer, que corre ao longo do estreito corredor entre os rochedos e o mar.

Tal corredor, em um ponto, aperata-se em estreita garganta de apenas alguns metros.

Uma estrada foi construída, ligando Mokmer à baía de Korim, outro ponto da costa N propício a desembarques.

As três pistas de aterrissagem estavam localizadas :

- uma, a mais importante, a W de Mokmer.
- uma, a de Borokoe, logo ao N desta aldeia.
- uma, a de Sorido, logo a L desta aldeia.

Havia ainda uma quarta pista, apenas levantada, ao NL da aldeia de Bosnek.

Finalmente, ao N da pista de Mokmer, uma grande caverna estende-se por baixo do terraço, dominando a pista, tendo 100m de comprimento, com duas entradas de galeria que, da parte traseira, conduzem à câmara, com declive de 45°; possui um reservatório na parte traseira, formado por antiga parte da caverna cujo teto aliviou, e se abre na caverna, tendo tal cavidade 20 a 25m de profundidade e 30m segundo o eixo maior. De bordos escarpados, nela só se podia penetrar mediante escadas.

Foi batizada pelos japoneses de Caverna de Oeste e era capaz de abrigar uma força numerosa.

A meio caminho entre a Caverna de Oeste e a Bolsa de Ibdi, na crista que domina a aldeia de Mokmer, havia duas cavidades ligadas entre si por cavernas, que foram chamadas de Cavernas de Leste.

O sistema formado pela Caverna de W e as Cavernas de L, dominava completamente a pista de Mokmer cujas vias de acesso poderiam ser bem batidas por morteiros e metralhadoras. Ocupada a Caverna de W, a pista estaria dominada.

O conjunto formado pela Bolsa de Ibdi, que guardava a entrada da L do pequeno vale, e pelas Cavernas de L que guardavam o desfiladeiro da praia, constituiria um sério obstáculo ao atacante, para se apossar das pistas.

Deste minucioso estudo do terreno, é possível concluir :

1º — O terreno se prestava bem à organização de uma posição defensiva, aproveitando-se inclusive as cristas de coral que protegem o acesso ao interior da ilha.

2º — A existência de inúmeras cavernas e cavidades era favorável à organização de poderosos núcleos de defesa, bem como alojamentos e depósitos.

3º — Particularmente as chamadas Bolsa de Ibdi, a bolsa de Mokmer, e as Cavernas de W e de L, constituíam posições importantes para a defesa especialmente as três últimas; uma vez dominadas, davam posse a pista de Mokmer, que era a mais importante da ilha.

4º — A presença da estrada costeira favorecia uma operação partindo das praias da costa Sul e ponta L, porém, a estrada contruída de Sorido para a baía de Korim, tornava possível, ainda que menos provável, uma ação que partisse da referida baía, situada na costa N da ilha.

Se se considerar a ausência de outras estradas, parece evidente que as duas estradas acima, indicavam os caminhos mais prováveis de ataque.

4 — Meios.

Como já dissemos, dispunha o Coronel Kuzume de aproximadamente 10.000 homens.

O núcleo dessa força era o seu próprio Regimento (o 222º RI) com 3.000 homens; tinha ainda um Batalhão de Guardas Navais, um destacamento de carros de combate (7 carros) e várias unidades anti-aéreas, de Engenharia e Serviços.

Parece que não possuía Unidades de Artilharia apropriadas às missões normais dessa Arma.

Porém, pelo menos uma Bia. de Montanha, três ou quatro peças de AAAé. de 76mm e quatro peças navais de 120mm de emprêgo duplo,

estavam convenientemente localizadas e dispostas para bater as pistas de aterrissagem e suas vias de acesso ao mar.

Essas posições eram entretanto, incompletas.

Ainda uma peça de 6 polegadas (152mm) e uma outra igual, foram instaladas ao S da pista de Mokmer e nas redondezas de Bosnek, com campos de tiro de pelo menos 10km ao longo da costa, com superposição na região central.

Além dessas, uma peça naval de 120mm de emprêgo duplo fôra instalada na praia de Bosnek e várias outras de seis polegadas (152mm) estavam em fase de instalação, mas, no dia D, não estavam prontas para entrar em ação.

Vemos que a Artilharia de Kuzume, quase toda imobilizada, era mais apropriada a uma defesa fixa do tipo costeiro, o que era natural, aliás, no caso.

Não tinha pois uma Artilharia que lhe permitisse fazer u'a manobra de fogos adequada à sua manobra, ficando restrito a jogar com planos de fogos amarrados dentro de setores de tiro adrede fixados.

De qualquer modo, porém, cerca de 1/3 da Guarnição da ilha podia ser considerada como combatente, mas, em caso extremo, toda ela, inclusive o pessoal dos Serviços, devidamente armado para ser utilizado como Infantaria, podia tomar parte na luta.

Nada sabemos sobre o estado físico e profissional dessas forças, mas é de presumir que fosse o apropriado para as missões que, normalmente, teriam que desempenhar em operações de guerra.

Particularmente o Regimento de Infantaria, deveria ser uma Unidade técnica e taticamente instruída e perfeitamente afeita ao combate; mas nada sabemos de suas atuações anteriores.

Sobre o aspecto moral apenas nos limitaremos a relembrar o que já dissemos nas Considerações Iniciais anteriormente feitas.

De um modo geral, admitiremos que os estados físico, técnico e moral da guarnição de Biak eram bons e permitiam que essa força fosse

capaz de lutar bem no cumprimento da sua missão.

Veremos, adiante, que, em parte, assim aconteceu.

Não se faz referência a outros meios, e, se se considerar que a parte da ilha julgada vital para a defesa (a da localização das pistas) era, relativamente, restrita, pode-se admitir que os meios disponíveis eram suficientes para organizar uma sólida posição, tanto mais que o prazo o permitia.

E de fato, Kuzume procurou tirar o máximo proveito dos seus meios, organizando uma posição que lhe permitiu lutar durante 27 dias, obrigando o atacante a dobrar seu efetivo inicial de ataque, e a duras jornadas de luta. (Ver fig. 2).

V — DECISÃO DO CEL. KUZUME E ORGANIZAÇÃO DA DEFESA DE BIAK

Vista as considerações anteriores, e, fazendo o estudo comparativo dos fatores, vejamos a que decisão chegou o Cmt. do 222º RI.

Vamos expor aqui a decisão (provável, aliás) do Cel. Kuzume e não a nossa, pois, tratando-se de um caso histórico não devemos examinar o que nós teríamos feito, e sim o que realmente foi feito.

Assim, tudo permite supor que tenha sido a seguinte a decisão do comandante japonês :

"Defender a todo custo a parte centro-sul-leste da ilha, onde se achavam as pistas particularmente, e repelir toda a tentativa de desembarque, que deveria ser enfrentada e derrotada nas praias.

Em consequência, exercer o esforço da defesa na região das pistas de aterrissagem e repelir qualquer ataque à beira dágua.

Em outro qualquer ponto da ilha, particularmente na baía de Korim qualquer desembarque deveria encontrar resistência até a chegada de reforços.

Em caso de sucesso do ataque na região principal, procurar detê-lo mediante assaltos periódicos partidos de posições organizadas (contra ataque)".

A principal via de acesso por L, era a estrada costeira de Bosnek a Mokmer, que corre ao longo do estreito corredor entre os rochedos e o mar.

Tal corredor, em um ponto, aperata-se em estreita garganta de apenas alguns metros.

Uma estrada foi construída, ligando Mokmer à baía de Korim, outro ponto da costa N propício a desembarques.

As três pistas de aterrissagem estavam localizadas:

- uma, a mais importante, a W de Mokmer.
- uma, a de Borokoe, logo ao N desta aldeia.
- uma, a de Sorido, logo a L desta aldeia.

Havia ainda uma quarta pista, apenas levantada, ao NL da aldeia de Bosnek.

Finalmente, ao N da pista de Mokmer, uma grande caverna estende-se por baixo do terraço, dominando a pista, tendo 100m de comprimento, com duas entradas de galeria que, da parte trazeira, conduzem à câmara, com declive de 45°; possui um reservatório na parte trazeira, formado por antiga parte da caverna cujo teto aluiu, e se abre na caverna, tendo tal cavidade 20 a 25m de profundidade e 30m segundo o eixo maior. De bordos escarpados, nela só se podia penetrar mediante escadas.

Foi batizada pelos japoneses de Caverna de Oeste e era capaz de abrigar uma fôrça numerosa.

A meio caminho entre a Caverna de Oeste e a Bolsa de Ibdí, na crista que domina a aldeia de Mokmer, havia duas cavidades ligadas entre si por cavernas, que foram chamadas de Cavernas de Leste.

O sistema formado pela Caverna de W e as Cavernas de L, dominava completamente a pista de Mokmer cujas vias de acesso poderiam ser bem batidas por morteiros e metralhadoras. Ocupada a Caverna de W, a pista estaria dominada.

O conjunto formado pela Bolsa de Ibdí, que guardava a entrada da L do pequeno vale, e pelas Cavernas de L que guardavam o desfiladeiro da praia, constituiria um sério obstáculo ao atacante, para se apossar das pistas.

Dêste minucioso estudo do terreno, é possível concluir:

1º — O terreno se prestava bem à organização de uma posição defensiva, aproveitando-se inclusive as cristas de coral que protegem o acesso ao interior da ilha.

2º — A existência de inúmeras cavernas e cavidades era favorável à organização de poderosos núcleos de defesa, bem como alojamentos e depósitos.

3º — Particularmente as chamadas Bolsa de Ibdí, a bolsa de Mokmer, e as Cavernas de W e de L, constituíam posições importantes para a defesa especialmente as três últimas; uma vez dominadas, davam posse a pista de Mokmer, que era a mais importante da ilha.

4º — A presença da estrada costeira favorecia uma operação partindo das praias da costa Sul e ponta L, porém, a estrada contruída de Sorido para a baía de Korim, tornava possível, ainda que menos provável, uma ação que partisse da referida baía, situada na costa N da ilha.

Se se considerar a ausência de outras estradas, parece evidente que as duas estradas acima, indicavam os caminhos mais prováveis de ataque.

4 — Meios.

Como já dissemos, dispunha o Coronel Kuzume de aproximadamente 10.000 homens.

O núcleo dessa fôrça era o seu próprio Regimento (o 222º RI) com 3.000 homens; tinha ainda um Batalhão de Guardas Navais, um destacamento de carros de combate (7 carros) e várias unidades anti-aéreas, de Engenharia e Serviços.

Parece que não possuía Unidades de Artilharia apropriadas às missões normais dessa Arma.

Porém, pelo menos uma Bia. de Montanha, três ou quatro peças de AAAé. de 76mm e quatro peças navais de 120mm de emprêgo duplo,

estavam convenientemente localizadas e dispostas para bater as pistas de aterrissagem e suas vias de acesso ao mar.

Essas posições eram entretanto, incompletas.

Ainda uma peça de 6 polegadas (152mm) e uma outra igual, foram instaladas ao S da pista de Mokmer e nas redondezas de Bosnek, com campos de tiro de pelo menos 10km ao longo da costa, com superposição na região central.

Além dessas, uma peça naval de 120mm de emprêgo duplo fôra instalada na praia de Bosnek e várias outras de seis polegadas (152mm) estavam em fase de instalação, mas, no dia D, não estavam prontas para entrar em ação.

Vemos que a Artilharia de Kuzume, quase toda imobilizada, era mais apropriada a uma defesa fixa do tipo costeiro, o que era natural, aliás, no caso.

Não tinha pois uma Artilharia que lhe permitisse fazer u'a manobra de fogos adequada à sua manobra, ficando restrito a jogar com planos de fogos amarrados dentro de setores de tiro adrede fixados.

De qualquer modo, porém, cerca de 1/3 da Guarnição da ilha podia ser considerada como combatente, mas, em caso extremo, toda ela, inclusive o pessoal dos Serviços, devidamente armado para ser utilizado como Infantaria, podia tomar parte na luta.

Nada sabemos sobre o estado físico e profissional dessas forças, mas é de presumir que fosse o apropriado para as missões que, normalmente, teriam que desempenhar em operações de guerra.

Particularmente o Regimento de Infantaria, deveria ser uma Unidade técnica e taticamente instruída e perfeitamente afeita ao combate; mas nada sabemos de suas atuações anteriores.

Sobre o aspecto moral apenas nos limitaremos a relembrar o que já dissemos nas Considerações Iniciais anteriormente feitas.

De um modo geral, admitiremos que os estados físico, técnico e moral da guarnição de Biak eram bons e permitiam que essa força fosse

capaz de lutar bem no cumprimento da sua missão.

Veremos, adiante, que, em parte, assim aconteceu.

Não se faz referência a outros meios, e, se se considerar que a parte da ilha julgada vital para a defesa (a da localização das pistas) era, relativamente, restrita, pode-se admitir que os meios disponíveis eram suficientes para organizar uma sólida posição, tanto mais que o prazo o permitia.

E de fato, Kuzume procurou tirar o máximo proveito dos seus meios, organizando uma posição que lhe permitiu lutar durante 27 dias, obrigando o atacante a dobrar seu efetivo inicial de ataque, e a duras jornadas de luta. (Ver fig. 2).

V — DECISÃO DO CEL. KUZUME E ORGANIZAÇÃO DA DEFESA DE BIAK

Vista as considerações anteriores, e, fazendo o estudo comparativo dos fatores, vejamos a que decisão chegou o Cmt. do 222º RI.

Vamos expor aqui a decisão (provável, aliás) do Cel. Kuzume e não a nossa, pois, tratando-se de um caso histórico não devemos examinar o que nós teríamos feito, e sim o que realmente foi feito.

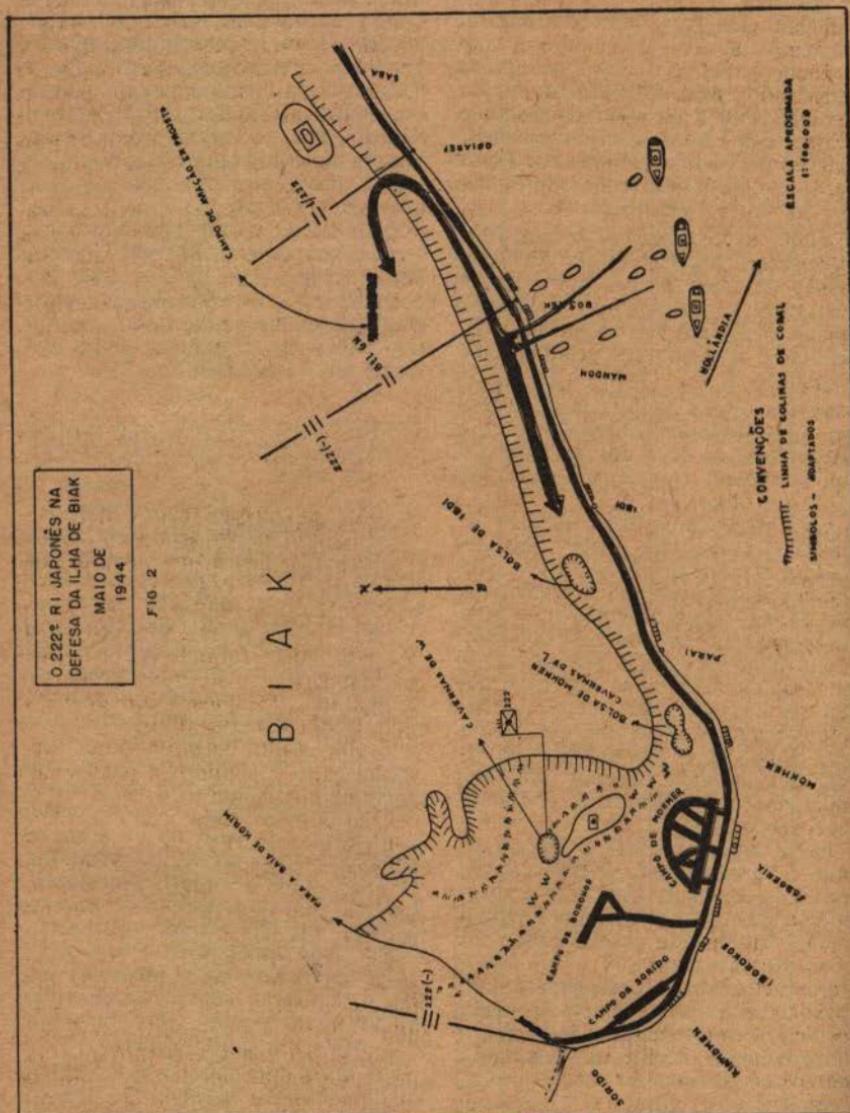
Assim, tudo permite supor que tenha sido a seguinte a decisão do comandante japonês :

“Defender a todo custo a parte centro-sul-leste da ilha, onde se achavam as pistas particularmente, e repelir toda a tentativa de desembarque, que deveria ser enfrentada e derrotada nas praias.

Em consequência, exercer o esforço da defesa na região das pistas de aterrissagem e repelir qualquer ataque à beira d'água.

Em outro qualquer ponto da ilha, particularmente na baía de Korim qualquer desembarque deveria encontrar resistência até a chegada de reforços.

Em caso de sucesso do ataque na região principal, procurar detê-lo mediante assaltos periódicos partidos de posições organizadas (contra ataque)”.



Uma tal decisão era perfeitamente lógica, e o plano de Kuzume para concretizá-la era igualmente bom.

Se, rapidamente, examinarmos o dispositivo que adotou e as medidas que tomou para organizar a defesa, veremos que, provavelmente e, considerando que se tratava da defesa de um litoral contra ataque vindo do mar, pouca coisa melhor se poderia fazer.

Ele preparou seu dispositivo cuidadosamente e deu responsabilidade aos subordinados, liberando-os para a conduta das operações.

Previu acertadamente a área de desembarque e, ainda, soube, aproximadamente, a faixa de tempo em que este viria.

Organizou bem o terreno, localizando bem as organizações que eram boas, apenas carecendo de profundidade, o que pôde ser levado à conta de falta de tempo para o preparo.

Aliás, dada a extensão da frente a defender, não poderia mesmo aprofundar muito a defesa.

Prevendo qualquer ação partida da baía de Korim, tomou acertadas medidas para enfrentá-la, mandando construir uma estrada entre Mokmer e Korim e destacando uma turma para vigiar e assinalar qualquer desembarque nas suas praias (de Korim).

Mas, coerente com a sua decisão, e estava realmente certo, deu a prioridade da defesa à região das pistas de aterrissagem.

Empregou bem sua Engenharia, fazendo-a iniciar construção de estradas e organizações, e mandando preparar demolições para serem executadas a pedido (o que ele chamou de "guerra explosiva").

Preocupou-se com a DCA, particularmente das pistas, e localizou adequadamente os suprimentos e munição, dispersando-os em pequenos depósitos, e, nas cavernas ao longo dos rochedos, acumulou munição, víveres e outros suprimentos suficientes para quatro meses.

Kuzume deu ordens para que fossem construídos, ao longo da costa, redutos de concreto, mas deixou aos comandantes das zonas a escolha dos locais e a organização dos quartéis.

Deu-lhes ainda grande liberdade para organizar e dirigir a defesa dos seus quartéis.

A suposição lógica de que qualquer esforço sério seria dirigido contra a costa SL, levou os defensores a organizarem uma linha irregular de cavernas reforçadas e redutos entre as pedras acima da maré alta. Entre Opiaref e Saba, isto foi feito com esmero. As cavernas, com acesso pela retaguarda e desenfiados, eram bem camufladas e protegidas por janelas de tiro, de concreto, capazes de abranger largos campos de tiro por sobre a água.

Eram também apoiadas por posições de morteiros guardando os flancos e os intervalos entre elas. Em Bosnek, a larga e descoberta praia estava defendida por quatro grandes redutos de concreto e aço, um dos quais, pelo menos, dispunha de uma peça de artilharia. As principais organizações defensivas guardavam os campos de aviação (pistas), sendo delineadas de modo a evitar a conquista dos campos, a não ser por assalto direto e oneroso.

As defesas principais constavam de três bolsas nas cristas à retaguarda e a A da pista de aterrissagem de Mokmer.

Entre as aldeias costeiras de Ibdí e Parai, e no meio de uma série de confusas e afiadas cristas de coral, foi erguida forte posição de redutos de apoio mútuo, com o objetivo de bater o estreito desfiladeiro da praia e opôr-se a um avanço partindo de Bosnek.

Nesse local, embora a crista não seja tão escarpada nem alta, o traçado atordoante das cristas transversais e baixas, aliado à carência de caminhamentos, fazia com que só com grande dificuldade pudesse ser transposto, mesmo nas mais favoráveis condições. Essa posição, que veio a ser conhecida como a Bolsa de Ibdí, tinha tal valor como obstrução, que os japoneses, mesmo já durante a luta, continuaram a construir redutos e a reparar os avariados pelo combate.

Olhando o dispositivo de Kuzume, vemos que ele localizou o RI (-) na área das pistas entre Bosnek e

Sorido, englobando as posições fortificadas de Ibdí e Mokmer; entre Bosnek e Opiaref localizou o Btl. de Guardas Navais e de Opiaref para L (até Saba), colocou o seu I Btl.

Ao I Btl. e ao Btl. de Guardas Navais (450 homens), cabia a missão de rechaçar qualquer desembarque na parte L da ilha.

A reserva de Kuzume era constituída pelo III Btl. (menos 2 Cias.) e os seus carros (7 carros) elege os localizou, reunidos, na área de Saba, uns 16km a L das pistas de aterrissagem.

Não dispomos de elementos para verificar quais os motivos que levaram Kuzume a colocar seus carros tão longe da área em que localizou a parte principal das suas forças.

Talvez tenha sido alguma imposição do terreno, mas o certo é que, quando quiz utilizá-los, trouxe-os com facilidade para a região em que desejou empregá-los.

Quanto à questão das reservas convém lembrar que o Cel. Kuzume dispunha ainda dos elementos dos Serviços, que, convenientemente armados, poderiam ser usados como Infantaria.

Finalmente, o Cel. Kuzume, apoiou a base da sua defesa, englobando os seguintes pontos, onde organizou fortes núcleos para lutar até o fim:

1º — Bolsa de Mokmer — Já descrita anteriormente, foi aproveitada, na parte chamada de Caverna de W, para âncora final da defesa do campo de aviação.

Capaz de abrigar uma grande força, servia como PC e como alojamento. Em sua volta, foi construída poderosa série de redutos, e, na crista, fortes espaldões feitos de troncos de coral.

2º — A meio caminho, entre a Bolsa de Ibdí e a Caverna de W, na crista que domina a aldeia de Mokmer, foi preparado outro núcleo de resistência. Esta posição foi construída em volta de duas cavidades ligadas por cavernas, chamou-se Cavernas de L. Também aqui foram utilizadas as galerias como alojamentos e as cavidades como espaldões de morteiros e metralhadoras, cujo fogo batia as vias

de acesso às pistas de aterrissagem, tanto na estrada como na praia. Essa posição guardava o desfiladeiro da praia.

3º — A já descrita Bolsa de Ibdí, que guardava a entrada oriental do pequeno vale.

Dessse modo, se a Caverna de W fosse ocupada, as pistas estariam neutralizadas, e, se dominadas ainda a Caverna de L e a Bolsa de Ibdí, o acesso às pistas estaria assegurado.

Assim, se verifica que, vencidas essas três posições, que constituiam um poderoso obstáculo à posse das pistas, estaria esfacelada a defesa de Kuzume.

Razão teve, pois, ele, e de sobra, para apoiar nesses três núcleos a pedra angular da sua defesa.

E, convenhamos, esta pedra estava sólidamente apoiada.

Antes de terminar, devemos assinalar que, ao longo da estrada costeira de Bosnek a Mokmer, não havia defesas preparadas. O estreito corredor apertado entre os rochedos e o mar em que ela corre, e que, em um ponto, chega a ter alguns metros de largura, não foi aproveitado, mesmo para obstruções à base de minas, para impedir o movimento para ou através das praias.

Quanto as colinas que dominavam as praias, foram aproveitadas apenas para vigilância, e a única brecha existente na crista, em Opiaref, não foi guardada. O Btl. Naval, que podia guardá-la, não o fez, e isto foi muito mau para Kuzume, porque, por esta brecha poderiam penetrar forças que, flanqueando as suas defesas, terminariam por investir à sua retaguarda. E isto, de fato, aconteceu, como veremos adiante.

VI — EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

Na manhã de 27 de maio de 1944, tropas de assalto da 41ª DI norte-americana assaltaram as praias meridionais das organizações de Kuzume.

Vinte e sete dias mais tarde, refugiado numa miserável cova da ilha, Kuzume Naoyukie aceitou o seu destino inevitável, de acordo com o código dos Samurais.

Após o cerimonial da queima das bandeiras do seu Regimento, ele deu ordem para a desesperada carga "banzai", que tem assinalado a frustração de tantas esperanças nipônicas, e, depois, cometeu o harakiri.

Para descrever o que foi a dura luta de Biak, vamos nos cingir à narrativa do Cel. Jack W. Rudolph, quando tratou do caso, respeitando, rigorosamente o seu estilo.

Assim a descreve élé :

"De u'a maneira geral, as fôrças de Kuzume estavam dispostas, conforme seu plano, porém, provavelmente mantinham-se em reserva em vez de ocupar as posições.

O 1º Btl. e o Dest. Naval bivacavam atrás da colina de coral, cerca de 3km ao N de Bosnek onde também se achava o PC de Kuzume.

As colinas dominando as prias do desembarque estavam ocupadas apenas por vigias que se retiraram sem tiro algum. Um grupo de cerca de 50 soldados aterrorizados escondeu-se em uma caverna perto, onde, ao serem descobertos, recusaram render-se. Todos foram fuzilados ou suicidaram-se. O choque e a surpresa evidentemente enervaram Kuzume, que não opôs resistência alguma às vagas iniciais de assalto. Rápidamente conquistando a crista dominante, os norte-americanos estabeleceram uma cabeça de praia e, depois, deslocaram em duas colunas nas direções da praia. Uma avançou ao longo da costa para L em direção a Opiaref, onde a estrada atravessa a crista e demanda o interior, enquanto a outra se pôs em marcha para W rumo às pistas de aterrissagem.

Já ao anoitecer, a coluna a L ocupara Opiaref e a de W passara a Bolsa de Ibdì sem encontrar oposição.

Esta última fez alto para pernoitar em Parai, a meio caminho entre a bolsa e a posição de Mokmer.

Visto Ibdì ter sido ultrapassada sem oposição, provavelmente essa posição não estava ocupada em fôrça.

Ao por do sol, haviam os norte-americanos atravessado o estreito

desfiladeiro da costa e penetrado até 4km do seu objetivo.

Durante a noite, porém, Kuzume novamente recuperou seu equilíbrio, reagindo diante da ameaça. Na manhã seguinte, aos incursores norte-americanos chegados à orla L do campo de aviação, o Coronel ripostou, rechaçando-os até cerca de 2km da aldeia de Mokmer.

Da crista dominando a povoação, seu pessoal imediatamente iniciou mortífero fogo de morteiros e metralhadoras que, feita a regulação do tiro, aferrou os invasores. Naquela tarde, uma coluna flanqueante progrediu ao longo da crista infletindo para penetrar na retaguarda norte-americana.

Essa manobra isolou o já sobre-carregado Btl. ianque, salvo uma Cia. que saiu da armadilha à viva força.

Agora, Kuzume estava com o inimigo nas suas garras e, portanto, pôs-se a formular planos para rapidamente aniquilá-lo. À noite, transferiu para a área das pistas o 1º Btl.

Na manhã seguinte, tendo concentrado todo o RI, lançou os II e III Btis. contra os norte-americanos cercados, em três pesados ataques diferentes. Tais assaltos falharam no propósito de esmagar os invasores, porém, infligiram grandes perdas.

O ataque inicial, desencadeado às 7,00 horas no dia 29, foi encabeçado pelos carros de combate de Kuzume. Esses sete carros, avançando em duas vagas separadas por meia hora, foram de pronto destruídos. Enfrentada por cinco carros médios norte-americanos que se apressaram a amparar os infantes sitiados, a primeira vaga de três carros foi logo destruída. Às 7,30, quando os quatro restantes precipitaram-se através do mesmo terreno e no mesmo dispositivo, eles também foram prontamente postos fora de combate.

Embora não esmagassem completamente o adversário cercado, os ataques e o fogo ininterrupto da Bolsa de Mokmer muito debilitaram a fôrça norte-americana.

Antes de poder ser desferido o golpe final, porém, a noite inter-

pôs-se. Protegida pela escuridão, uma flotilha de socorro chegou, evacuando os sobreviventes, tão maltratados que o Btl. não pôde mais ser empregado no decurso da campanha.

Deslocando-se com presteza através de Mokmer até o apertado desfiladeiro, o Cel. Kuzume ocupou posições das quais pôde eficazmente frustrar outras tentativas de atingir as pistas de aterrissagem através do caminho costeiro. Perdera a primeira fase, no entanto, na segunda, ganhara por muito.

No dia seguinte, ordenou fôsses o III Btl. para a Bolsa de Ibdì, deixando o II para defender o desfiladeiro e regressando com o I Btl. até o bivaque original ao N de Bosnek. Aqui tinha pela frente a coluna norte-americana que, após atravessar a crista de Opiaref, estava avançando através da planície do interior a fim de atacar pela retaguarda as pistas de aterrissagem. Numa rude ação de retaguarda, o I Btl. regressou à área de Mokmer, donde o PC do RI voltou à Caverna de W. Durante essa retirada, o III Btl. não fez esforço algum para auxiliar os seus camaradas.

Não se retirou nem tentou atacar o flanco ou a retaguarda dos norte-americanos mas, ao invés disso, abrigou-se atrás de suas defesas, assim ficando isolado sem lutar sequer.

No Dia D+7, os atacantes foram reforçados, assim assegurando-lhes as comunicações e obviando fôsse aproveitada a última oportunidade de Kuzume atacar e aniquilá-los.

A 12 de junho, o I Btl., reforçado por tropas de Serviço armadas às pressas, foi rechassado através da crista até a pista de Mokmer. Esse revés obrigou Kuzume a retirar as tropas para o terraço ao N da pista, nas cercanias da Caverna de W. Uma semana depois, as colunas norte-americanas estabeleceram contacto.

Enquanto Kuzume estava sendo impelido cada vez mais para as suas bolsas de defesa final, houve duas tentativas a reforçá-lo. A 12 de junho, cerca de 200 fuzileiros desembarcaram em Korim, seguidos uma semana depois por outro Btl. de

Infantaria. Tais reforços foram lançados à luta em ataques fragmentários. Atacando em dispositivos uma Cia. apenas, eles foram dispersados e aniquilados sem prestar ajuda alguma ao abalado Coronel.

No Dia D+9, quando chegaram mais reforços norte-americanos, a maioria dos defensores estava apertada na zona em volta dos campos de aviação. O III Btl. ainda estava isolado na Bolsa de Ibdì com a Bolsa de Mokmer também ocupada. Nenhuma das duas opunha resistência além de patrulhas pouco freqüentes e leveiro fogo de inquietação que fechava a estrada costeira durante curtos intervalos.

A 20 de junho, um ataque coordenado norte-americano expulsou Kuzume das pistas rechaçando-o para a crista ao N. O Coronel, junto com considerável força de unidades mistas, refugiou-se na Caverna de W. Durante o dia seguinte esta força foi sujeita a um feroz e incansável ataque, que rudemente enfrentava.

Um por um, em acesas lutas, os redutos foram destruídos e suas guarnições aniquiladas. O fogo dos atiradores emboscados, das peças dos carros e as granadas de mão obrigaram os desesperados defensores a fugir das entradas das cavernas para suas escuras profundidades. Ali, qualquer esperança de sobreviver era de pouca duração. Se bem que os sinuosos túneis fornecessem proteção contra os lança-chamas, os exaustos fugitivos logo descobririam terem os engenhosos norte-americanos outra solução. Trouxeram à cena tambores de gasolina, despejando-os nas entradas dos túneis. Granadas de mão transformaram a gasolina em correntezas de chamas que forçaram os nipões mais para as profundidades das cavernas, onde não tardaram a ecoar as detonações dos blocos de TNT nelas lançados.

Para Kuzume, isso era bastante. Aquela noite, na caverna destruída, reuniu seu Estado-Maior e os sobreviventes da sua força.

Todos podendo andar receberam ordens de sair da caverna a fim de desfechar seu último ataque "ban-

zai". Aos feridos, distribuiram-se granadas para sua auto-destruição. Kuzume Naoyukie, então, de maneira impressionante, incendiou os estandartes regimentais, dirigiu-se a um canto da caverna e, conforme o código do derrotado guerreiro Samurais, abriu as entranhas.

Mais tarde na mesma noite, os sobreviventes precipitaram-se contra a tropa veterana da selva que já presenciara tais cargas.

O "banzai" foi rechaçado com tanta fúria quanto fôra lançado.

A carga da noite de 21-22 de junho pôs termo à defesa organizada de Biak.

As tropas isoladas em Ibdî e Mokmer resistiram tenazmente, sendo necessário aniquilá-las aos poucos.

Embora fôsse muito enfadonha, essa fase era de pouca importância tática, pois os campos de aviação já estavam desimpedidos e seguros. Antes de se dar cabo dos últimos nipões, aviões norte-americanos já estavam agindo das pistas mal fadadas de Kuzume. Alguns poucos sobreviventes escaparam às asperas colinas do N para ali serem caçados ou, enfim, sucumbirem à vingança da selva que desafiaram.

Meses depois, quando Biak já estava transformada numa instalação com guarnição permanente com todo o conforto possível e perfeitamente em dia com o serviço de rotina, um japonês, febril e esfomeado, entrou num rancho e rendeu-se.

Em troca de uma farta refeição, ofereceu os restos queimados de uma bandeira japonesa que levava enrolada à cintura.

Era o estandarte de Kuzume Naoyukie....

Ainda na morte a frustração o perseguiu.

VII — CONCLUSÕES

Vamos agora alinhar, rapidamente, algumas conclusões principais a propósito da ação travada entre as Fôrças do Cel. Kuzume e as tropas norte-americanas na ilha de Biak, e que poderão ser, em particular, as seguintes :

1 — Doutrina — Não conhecemos o que a Doutrina Japonêsa prescre-

ve a respeito de planos, decisões e conduta de operações.

Pela nossa Doutrina, entretanto, não é bastante planejar uma operação admitindo que isto é o suficiente.

Não deve haver nenhum caráter de inflexibilidade.

Pelo contrário, o que se exige é que uma vez tomadas as decisões e estabelecidos os planos e ordens consequentes, uma linha de conduta eminentemente flexível seja observada.

É, pois, necessário que os chefes, particularmente, não se amarem aos planos pré estabelecidos, mas que, ao contrário, sejam flexíveis, até mesmo ao ponto de alterar, ainda que substancialmente, os planos iniciais, em face da evolução dos acontecimentos.

Em última análise : é o comportamento do inimigo suas ações e reações, que vão ditar a conduta de operação.

Se tudo se desenrola de acordo com os planos previstos e traçados, muito bem.

Porém, se as coisas correrem de modo diverso, será preciso acompanhar os acontecimentos, observando-os e estudando-os para, se necessário, introduzir variantes no plano inicial, modificando-o completamente, se preciso.

O Cel. Kuzume, cremos que devido àquela falha já apontada no início deste trabalho, muito peculiar ao combatente nipônico, não tomou conhecimento da conduta do inimigo, nem da evolução dos acontecimentos.

Agarrou-se desesperadamente ao seu Plano inicial (que era bom, aliás) e, sem introduzir qualquer variante aconselhada pelo comportamento do inimigo, levou ao extremo a sua capacidade de lutar, e, coerente com a sua formação, e educação, fiel à tradição do guerreiro Samurai derrotado, praticou o supremo sacrifício, desde que julgou que a sua parada estava perdida.

Admitindo, como parece, que seu Plano inicial era suficientemente bom para lhe assegurar o êxito no cumprimento da missão, e, exe-

cutando-o fielmente até o final, o Cel. Kuzume foi, sem dúvida, o seu mais ferrenho inimigo.

Tivesse sido ele mais flexível e teria conseguido, não talvez a vitória, porém, seguramente, tornar muito mais cara a conquista de Biak pelos norte-americanos.

Por exemplo: o cerco do Btl. norte-americano em Mokmer, a D+1, foi excepcionalmente bem executado. Se bem que não aniquilasse o adversário cercado, os ataques nipônicos foram tão devastadores que neutralizaram grande parte da força desembarcada (coluna de W). O Btl. ianque, seriamente atingido e salvos durante a noite seus remanescentes, nada mais pôde fazer no decorso da campanha.

Kuzume, que concentrou todo o seu RI para o ataque ao Btl. norte-americano em Mokmer, e praticamente aniquilou o adversário, logo em seguida, tornou a dispersar suas forças.

Se tivesse mantido o RI concentrado para lançá-lo, sem perda de tempo contra a coluna norte-americana (coluna de L) que operava atrás da crista de coral, provavelmente poderia ter dado novo rumo ao desenrolar das operações.

Poderia ter feito isso, fixando o adversário em Mokmer e lancando o grosso da sua Fôrça contra a coluna de L, numa manobra de envolvimento.

Com parte de suas fôrças fora de ação, um revés da coluna que operava atrás da crista teria posto os norte-americanos na cabeca de praia, numa posição extremamente precária.

A esta altura, o Cel. Kuzume teria muito a ganhar e muito pouco a perder, porém não foi capaz de tomar tal decisão.

Sem dar atenção ao verdadeiro desenvolvimento da luta, voltou, simplesmente ao plano original, sa-tisfeito com o éxito parcial, sem olhar para o conjunto.

Com a chegada dos reforços norte-americanos, o ensejo que se oferecera a Kuzume, em condições as mais vantajosas, desapareceu por completo.

Ainda no ataque ao Btl. norte-americano a D+1, Kuzume utilizou muito mal os poucos carros de que dispunha, pois, perdendo logo a metade deles no primeiro assalto, insistiu em lançar os restantes no mesmo local, e com o mesmo dispositivo.

Os cinco carros médios americanos que aniquilaram a primeira vaga de Kuzume (3 carros), não tiveram nenhuma dificuldade em destruir os quatro restantes (2ª vaga). Talvez nem tenha sido necessário novas operações de pontaria.

Poderia o Cmt. japonês poupar seus quatro últimos carros para melhor uso posterior; ou pelo menos não deveria condená-los empregando-os como o fêz.

E também a ação de retaguarda executada pelo 1º Btl. japonês (que, no dia seguinte ao ataque concentrado contra o Btl. ianque cercado em Mokmer, fôra mandado para o seu bivaque inicial ao N de Bosnek), face à coluna norte-americana que operava atrás da crista — coluna de L —, apesar de rude e bem executada, foi completamente inútil, dada a vantagem dois a um do adversário.

É mais uma prova de que Kuzume agiu mal, dispersando suas fôrças logo após tê-las reunido e obtido, com isso, um bom resultado; e também do seu apêgo ao plano original.

De fato, no dia seguinte ao ataque contra o Btl. americano cercado, mandou o 3º Btl. para a bolsa de Ibdì, o 1º Btl. para a sua posição inicial em Bosnek e conservou o 2º Btl. para defender o desfileiro, dispersando sua melhor Fôrça (de fato o núcleo das Fôrças de que dispunha) o que só lhe trouxe maus resultados.

O 1º Btl., fortemente pressionado refluui para a área de Mokmer, donde tinha partido; o PC de Kuzume regressou à Caverna de W e o 3º Btl. entocou-se na Bolsa de Ibdì e aí ficou imobilizado até o fim da luta, sem nada mais fazer do que, de acordo com o processo normal nipônico, lutar até o aniquilamento total.

Aliás, sobre esse 3º Btl. há uma observação importante a fazer e que parece revelar, de certo modo, mais uma faceta desse estranho tipo de combatente que é o soldado japonês.

Durante o movimento retrógrado do 1º Btl., o 3º Btl., entrincheirado na Bolsa de Ibdì, a cavaleiro do flanco e até da retaguarda dos norte-americanos, nada fez em auxílio dos seus camaradas empenhados em uma luta rude, desesperada e desigual.

Qualquer atuação desse Btl. só poderia resultar em valioso auxílio ao 1º Btl.

Qualquer um, mesmo um leigo, pode perceber isso.

Parece, no entanto, que japonês não percebe.

O 3º Btl. revelou, no mínimo, o que se chama falta de cooperação de combate, com ausência total daquilo que deve existir entre combatentes já não dizemos irmãos (e, no caso, eram do mesmo Regimento), mas simples aliados, ou seja — falta de solidariedade de combate, falta de camaradagem, etc.

Pode ser, como dissemos, que isto seja usual entre os soldados nipônicos, mas, entre nós, pelo menos, isto é praticamente um crime e o chefe que assim proceder, jamais justificará sua conduta execrável.

E, se nos lembrarmos que esse 3º Btl., depois, lutou em Ibdì com a tenacidade do desespero até o extermínio, ficaremos, mais uma vez intrigados e, seriamente, quase aturdidos diante da psicologia desse esquisito combatente que é o militar japonês.

É mais um assunto para pensar, mas nós preferimos explicar o fato, por meio daquela falha que já apontamos no início desse trabalho — o soldado japonês, entregue a si mesmo, perde muito do seu valor, e a iniciativa não é, positivamente, o seu forte.

Em resumo: parece ter ficado claro que Kuzume agiu bem concentrando suas forças para atacar

a coluna de W; teve êxito, e poderia, conservando-as reunidas, atacar a coluna de L e, procurando bater o inimigo por partes, colocar muito mal a cabeça de praia dos invasores, podendo assim madar o curso das operações a seu favor.

Mas, dispersando novamente suas forças, para se aferrar ao Plano inicial, agiu mal, permitindo que o adversário, recebendo reforços, se refizesse, perdendo assim a melhor oportunidade de conseguir, senão a vitória, ao menos tornar bem mais custosa a conquista de Biak.

2 — Falhas (algumas) devidas a mau aproveitamento do terreno.

Kuzume esteiou bem o seu sistema defensivo, apoiando-se nos três pontos-chave para a sua manobra: bolsa de Mokmer, Cavernas de L e Bolsa de Ibdì.

De um modo geral, aproveitou bem o terreno, porém falhou em pontos que lhe foram fatais, pelo menos, nos que se seguiram.

Não aproveitou bem a linha de colinas que dominava a praia, que, por sua natureza muito favorável, se prestava a uma atuação vigorosa sobre as vagas de desembarque, extremamente vulneráveis nessa fase crítica das operações anfíbias, em que pesa o grande efeito do apoio de fogo naval.

Aliás, não sabemos se houve o apoio de fogo naval usual nestas operações. Talvez tenha sido suprimido visando obter a surpresa (2).

As vagas de assalto desembarcaram livremente, sem ser hostilizadas, e, os atacantes puderam, a salvo de qualquer ação, agrupar-se e organizar as suas colunas de ataque.

Se hostilizados nessa fase, talvez tivessem sido jogados ao mar, de acordo, aliás, com a idéia de Kuzume, "que pretendia repelir toda a tentativa de desembarque, que deveria ser enfrentada e derrotada nas praias".

Ele decidiu isso, porém, não executou a sua decisão na ocasião de

(2) A deficiente fonte de que nos valemos nada diz a respeito, porém, pelo que parece, achamos que a ação de fogo aero-naval usual na fase preliminar dos desembarques foi suprimida em benefício da surpresa.

vida. Nada fêz para impedir sequer o desembarque.

Aqui, êle, nem ao menos, se agarrou ao seu plano inicial, visto como, o desembarque ocorreu exatamente como fôra previsto (local e época).

Viu-se que a linha de rochedos estava apenas guarnecidâ por elementos de vigilância, quando poderia ser uma verdadeira primeira linha de resistência.

Outra falha notável foi deixar desguarnecida e aberta a brecha de Opiaref, existente na crista de coral.

O Btl. de Guardas Navais que poderia guardá-la e fechá-la, pois estava no seu quarteirão, não só não o fêz como, de fato, nada fêz durante toda a operação, tornando-se um elemento completamente inútil.

Por essa brecha passaram livremente os americanos (coluna de L) para, penetrando na planície interior da ilha, ir investir diretamente a parte principal do sistema defensivo de Kuzume.

Não é possível explicar porque Kuzume deixou aberta a única brecha existente na linha de rochedos.

Simplesmente não tem explicação.

A única hipótese aceitável é que, desde que Kuzume deixou aos seus comandantes de quarteirão inteira liberdade e responsabilidade, tivesse julgado que o Cmt. do Btl. de Guardas Navais tomasse as providências necessárias. E êste não o fêz, talvez porque não tivesse recebido ordem expressa para fechar a brecha.

Mais uma vez se verifica a característica do combatente japonês entregue a si mesmo, perde muito, senão inteiramente o seu valor e a iniciativa não é, positivamente, o seu forte.

Aliás, convém assinalar que, no único documento cartográfico que possuímos — um esboço na escala aproximada de 1/100.000 — não se pode garantir bent se a brecha de Opiareff estava no quarteirão do Btl. de Guardas Navais ou no do 1º Btl.

Sendo essa brecha a única existente, era ela, óbviamente, um ponto vital a defender. Deveria pois sua defesa ficar entregue a uma unidade (um comando) não se justificando

que, por exemplo, ficasse no limite de dois quarteirões. E, parece ainda, que seria melhor defendida pelo 1º Btl. do 222º RI, do que pelos Guardas Navais. É esta, uma questão de opinião, apenas, essa de atribuir a uma Unidade de mais confiança a defesa de um ponto tão vital para a posição.

De qualquer modo, porém, o que não se justifica é tê-la deixado aberta, o que foi fatal para a defesa de Kuzume.

3 — Surpresa.

A surpresa é sempre um elemento de alto valor nas operações.

Desde a mais remota antiguidade se procura obter, mediante a ação de choque até mesmo emocional, as vantagens que ela proporciona àquele que a consegue sobre o adversário.

Ora, o Cel. Kuzume estava preparado para evitar a surpresa.

Ele teve informações, embora não muito exatas porém suficientes, sobre a época em que, provavelmente, um desembarque poderia ser executado.

Desde 22 de abril, quando do desembarque americano em Holanda, que o Serviço de Informações Japonês tinha idéia mais ou menos certa de quando uma operação contra Biak poderia ser tentada.

Parece, também que, dias antes do desembarque, o Cel. Kuzume recebeu aviso para esperá-lo nos fins de maio.

Assim, como o assalto foi lançado a 27 de maio, Kuzume estava, desde antes, alertado para aguardá-lo, e não poderia ter sido surpreendido, como o foi.

Também quanto à provável área do desembarque não poderia haver surpresa. Kuzume previu, e bem acertadamente, o local exato do desembarque, em conclusão a que, lógicamente, chegou.

Desde que não haveria surpresa no tempo e nem no espaço, pois a época e o local do assalto tinham sido exatamente previstos, não se justifica o fato de Kuzume ter sido apanhado de surpresa e entrado em verdadeiro "estado de shock", do

qual, só após a perda de precioso tempo, voltou a si.

E, quando os infantes da 41ª DI se lançaram na praia, às 0715 horas de 27 de maio, em plena luz do dia, nenhuma oposição lhes foi feita.

Com seu dispositivo montado e as tropas nas posições adrede preparadas, nada foi feito para agir contra as vagas de assalto nem ao se aproximarem da praia, nem ao desembarcarem e tomarem seu dispositivo de ataque.

As peças de artilharia de 152mm embasadas parece que nada fizeram, e tudo indica que as forças de Kuzume mantinham-se em reserva, bivacadas, em vez de ocupar suas posições.

O 1º Btl. e o Btl. de Guardas Navais bivacaram atrás da colina de coral, cerca de 3km ao N de Bosnek onde também se achava o PC de Kuzume.

E as colinas dominando as praias estavam apenas ocupadas por vigias que se retiraram sem dar um tiro.

A fase crítica do desembarque processou-se, pois, comodamente, sem o mínimo sinal de hostilidade por parte dos defensores.

O choque e a surpresa, provavelmente enervaram Kuzume que nenhuma resistência opôz às vagas iniciais de assalto.

A Bolsa de Ibdí, um dos pontos-chave da defesa de Kuzume, justamente aquél que, por sua localização e fortemente organizado em reduto fortíssimo, se destinava a bater o desfiladeiro da praia opondo-se a um avanço partido de Bosnek e guardando a entrada oriental do pequeno vale, foi ultrapassado livremente pela coluna de W.

Tudo indica que esta forte posição não estava ocupada em força, como seria de esperar. A coluna de W ultrapassou-a sem oposição e estacionou em Parai, a meio caminho entre a bolsa e a posição de Mokmer, para passar a noite.

Tudo, como sempre, livremente, e ao mesmo tempo que a coluna de L, também livre de qualquer oposição, transpunha a brecha de Opiareff, e, ao anoitecer, ocupava esta aldeia.

A surpresa, pois, foi completa, beneficiando lógicamente os norte-americanos que, talvez, nem esperassem conseguí-la de modo tão inesperado.

Nada justifica a surpresa de Kuzume, como já demonstramos.

E muito menos ainda que, diante do fato consumado, só voltasse a si do choque, durante a noite do dia do desembarque.

Kuzume custou muito a recuperar o equilíbrio, embora tenha, quando isto aconteceu, reagido muito bem ante a ameaça que se pronunciava fatal para a sua operação defensiva.

Em resumo, vemos um chefe suficientemente alertado e preparado para receber o inimigo, que se apresentou como fôra previsto, deixar-se envolver por uma ação de surpresa verdadeiramente injustificável.

Não sabemos explicar a causa, porém, o que é de notar é que, desde que a surpresa aconteceu, seus resultados foram excelentes para quem a conseguiu e dela se beneficiou.

E isto nem é preciso explicar.

Todavia, ainda uma suposição talvez possa ser feita: será que o Cel. Kuzume teria, introduzindo uma variante em seu plano inicial, consentido que o inimigo desembarcasse livremente para, em seguida, mediante ação violenta e inesperada, atirá-lo ao mar?

Não parece provável:

1º — porque permitir que o inimigo chegue à praia livremente e inicie, também livremente, a organização da cabeça de praia, é, além de perigoso, perder uma das melhores possibilidades de repeli-lo, sabido como é que a abordagem da praia é uma das mais delicadas fases da operação de desembarque, particularmente se visando a surpresa, o apoio de fogo não se tiver feito sentir na preparação da operação;

2º — porque seu dispositivo não parecia responder a u'a manobra desse tipo, tanto que, reunindo seus meios para atacar parte das forças da cabeça de praia que entestaram a parte principal da posição, tendo obtido êxito, dispersou-as logo em

seguida sem aproveitar a oportunidade para lançá-los contra a outra parte das forças como seria o caso, se algo tivesse planejado desse modo;

3º — porque, parece já suficientemente provado que Kuzume teve como única preocupação aferrar-se a seu plano inicial que, aliás, previa "repelir toda a tentativa de desembarque, que deveria ser enfrentado e derrotado nas praias"; tomou medidas para isso, e, se não o fêz, alguma coisa não bem explicável deve ter sucedido com ele.

Não cremos, portanto, que Kuzume tivesse pensado em deixar os norte-americanos livres durante toda a jornada do dia 27 de maio, operando tranquilamente em plena luz do dia, com a intenção de armá-lhe uma cilada mortal.

E se pensou, não o fêz, ou pelo menos, o fêz muito mal.

4 — Emprêgo das Reservas.

Kuzume, praticamente, empenhou todo o seu efetivo mais útil, ficando reduzido a uma Reserva de apenas o valor de 1 Btl. (2 Cias), assim mesmo ainda empenhado em auxiliar a tarefa de completar pistas não acabadas.

É fato que dispunha de várias Unidades de Art. AAé. Engenharia e de Serviços, que, armadas convenientemente, poderiam ser empregadas como infantaria.

E foi o que ele fêz, armando-as às pressas, quando se aproximou o momento crítico e final do seu drama.

Mas, houve algumas tentativas de reforçar o aturdido coronel.

Enquanto ele estava sendo impedido cada vez mais para suas bolsas de defesa final, duas tentativas de reforçá-lo foram feitas.

A 12 de junho, cerca de 200 fuzileiros desembarcaram em Korim, seguidos, uma semana depois por um Btl. de Infantaria.

Em vez de receber êsses reforços para utilizá-los como seria o desejável e como as necessidades do combate indicassem, Kuzume lançou-os à luta em ataques fragmentários e sem objetividade.

Atacando em dispositivos de uma Cia., apenas, foram os reforços, como era de esperar, facilmente dissipados, sem prestar nenhum auxílio ao abalado coronel.

Kuzume nada mais fêz do que, como se diz, lançar lenha na fogueira.

Os reforços não eram consideráveis, é fato. Mas poderiam ter tido um melhor emprêgo.

De qualquer modo, lançá-los à luta, por Cias., e à medida que chegavam, não é um modo, nem sequer aceitável, de empregá-los.

Não merece esse ponto, aliás, nenhuma crítica mais, por ser absolutamente desnecessária.

E, com a posterior chegada de maiores reforços norte-americanos, a D+9, tudo se aproximou do fim, com a maioria dos defensores apertada na área em volta dos campos de aviação.

O 3º Btl. ainda estava isolado na Bolsa de Ibdí e a Bolsa de Mokmer, também estava ocupada, mas, em ambas não havia resistência séria.

O sistema defensivo de Kuzume estava nas últimas e o ato final da defensiva, segundo o uso nipônico ia ser desempenhado.

E o foi do modo já descrito na Evolução dos Acontecimentos, como se viu anteriormente.

5 — Um aspecto moral.

Anesar de todos os erros e falhas de Kuzume e seus comandados, um ângulo do drama de Biak, nos parece interessante fixar aqui.

Vimos o Cel. Kuzume, desde que se considerou derrotado, quando os atacantes o haviam acuado no seu reduto final e suas forças remanescentes lutavam isoladas e com desespero caracteristicamente nipônico, preparar-se para o ato final da sua defesa, segundo o rito tradicional do guerreiro Samurai vencido.

Vimos as medidas finais que tomou e as últimas ordens que deu aos seus comandados.

E como, finalmente, partiu ao encontro dos seus antepassados, via hara-kiri.

Porém, morto o Comandante, a carga Banzai foi desfechada com a fúria usual, isto é, a tropa cumpriu religiosamente (é bem o término) as ordens do seu Comandante morto.

Dir-se-ia que Kuzume não morreu para os seus soldados e que, mesmo depois de morto chefiou ele mesmo o contra-ataque suicida.

Não deixa de ser um aspecto bastante interessante o dessa estranha moral japonêsa, que faz com que uma tropa cumpra exatamente as ordens de um comandante que ela mesma assistiu cometer o suicídio, por ter-se julgado derrotado e que tudo estava terminado.

Porque Kuzume não passou o comando a ninguém, é bom notar.

Apenas deu suas ordens e motou-se, simplesmente.

Morto o chefe, poderia outro comandante assumir o comando e tomar outras decisões.

Mas nada disso aconteceu.

Será ou não muito estranha para nós outros, ocidentais, uma tal conduta?

Se a história não está cheia de exemplos de resistências heróicas e até o extermínio, nem por isso é menos digna de cogitação essa estranha norma de ação que parece usual entre os japoneses.

Fixando esse ângulo como indiscutível atestado do valor das forças morais na guerra, embora, talvez,

um tanto deturpadas, desejamos apenas chamar, mais uma vez, a atenção daqueles que se interessam por esses assuntos, para esse singular tipo de combatente, tão pouco conhecido entre nós.

6 — E finalmente...

Ao terminar esse despretenoso trabalho, desejamos únicamente que sua leitura venha despertar algum interesse pelo combatente japonês, por parte daqueles a quem o estudo dos assuntos ligados à história militar preocupa, por qualquer motivo.

Não temos a pretensão de ter analisado profundamente um caso vivido, mas únicamente, procurando expor esse caso, focalizando certos aspectos específicos, mesmo porque não dispuzemos de outros elementos, além de uma simples narrativa do combate em Biak.

Não é provável que tenhamos que nos empenhar em luta contra japoneses.

Pelo menos, nada indica isso.

Porém, se algum dia isso acontecer, não é demais termos, ainda que muito pálida, uma idéia de como agem e se conduzem em combate.

E, se fôr do modo como o fizemos em Biak, é muito provável que essa idéia apareça no modesto trabalho que aqui apresentamos.

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239

END. TEL. "RIOINCO"

Telefone : 23-5928 — (Rêde Interna)

Gerência : 43-1112 — Diretoria : 23-0556

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

(N. 6)

Aperfeiçoando

mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas forças armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e este é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S.A.

SÃO CAETANO DO SUL - SÃO PAULO

